

Collor prepara governo de conciliação

ROBERTO STEFANELLI

Fernando Collor de Mello, se eleito presidente da República, vai tomar a iniciativa de uma formalidade que não houve no último debate dos finalistas da eleição: o aperto de mão entre ele e seu adversário do segundo turno, Luiz Inácio Lula da Silva. "O confronto com Lula e o PT é o tipo de litígio que queremos evitar", afirmou Renan Calheiros, líder do PRN na Câmara dos Deputados e um dos principais coordenadores políticos da campanha. "O primeiro ato de Collor, se eleito, será um apelo à negociação", garantiu.

No dia da eleição, a expectativa de vitória baseava-se principalmente no resultado do debate que foi ao ar quinta-feira por uma cadeia de rádio e televisão. O candidato do PRN estava tão convencido de que venceu o debate que já gravou uma entrevista para o programa *Globo Repórter* indicando cada falha do seu adversário. "O Collor estava em fase de recuperação e deslanchou no debate", opinava ontem Renan Calheiros. "O Lula não teve fôlego."

Nesse instante, um funcionário da *Gazeta de Alagoas*, de propriedade da família Collor, entrava na sala do jornal reservada ao candidato com um pacote de adesivos vermelhos que estavam sendo distribuídos em Maceió. Na linguagem do Cebolinha, personagem infantil do desenhista Maurício de Souza, estava impressa a frase: "Lula molheu na praia". Como o otimismo era maior do que a ansiedade, a equipe já discutia os primeiros dias do governo Collor.

Renan e um outro importante assessor da campanha, Cláudio Humberto Rosa e Silva, reconheciam que esses primeiros dias não seriam tão tranquilos quanto gostariam, mas já acenavam com um "governo de conciliação nacional" — como o próprio candidato sonhou ao longo de toda a campanha. "Tudo será feito a partir da formação do Ministério", explicava Renan. "Teremos um time de craques de todas as tendências ideológicas", detalhava, voltando a um discurso que na reta final da campanha havia sido deixado em segundo plano. "Agora, é torcer e esperar para ver", resumiu.

Cláudio Humberto colocava um pouco de pimenta nesse meio tempo de torcida e espera. "No dia da posse, podemos encontrar uma variedade de cenários", dizia.

"Podemos ter uma crise tão ou mais aguda do que esta que vivemos hoje e isso vai orientar as ações de governo". Mas uma coisa Collor não fará, na opinião de seus dois assessores, manifestada exatamente no dia da eleição: apressar a posse, se eleito.

"Ele não trabalhará nesse campo", garantiu Renan, com uma ressalva: "Mas não vai se recusar, se a iniciativa partir do Congresso Nacional". A Constituição estabelece que a posse do novo presidente será em 15 de março, mas há emendas já apresentadas propondo a antecipação para janeiro. A aprovação de emendas constitucionais depende do voto de 3/5 de senadores e deputados.

O que o candidato continua não querendo mesmo é conversa com o presidente José Sarney. "Dizem que Sarney vai reservar dias na sua agenda para receber o vencedor", comentou Cláudio Humberto. "Mas, se der Collor, o Sarney vai ficar de mãos abanando." Assim como não quer conversa com o atual presidente, Collor também não pretende alimentar o confronto da campanha com Lula e o PT, informa Cláudio Humberto confirmando Renan Calheiros.



Wilson Pedrosa/AE

O candidato do PRN acaba de votar, no Grupo Escolar Diegues Júnior, em Maceió: "Não há possibilidade de derrota"

O VOTO

Collor passou 16 horas em terras alagoanas, nos dois dias finais da eleição. No sábado, ele se refugiou na *Gazeta de Alagoas* e só se retirou dali às 21h30, para um rápido jantar, um sono de seis horas e, já no domingo, um café da manhã em sua casa em Maceió, com a mulher Rosane. Só saiu para votar no Grupo Escolar Diegues Júnior. No meio de uma multidão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, ele garantia que não havia possibilidade de derrota. Momentos depois, já no aeroporto para embarcar de volta a Brasília, as declarações foram mais comedidas: "Só se pode falar sobre eleições depois de apurados os votos", dizia, para uma multidão quase idêntica de jornalistas.

Cláudio Humberto seguiu essa mesma linha. Em alguns

momentos, até apostava numa vitória por "4% a 5% dos votos". Em outros, acompanhava Collor nas declarações diplomáticas do aeroporto: "Temos de esperar os votos serem votados", desconversava, numa brincadeira com a língua portuguesa.

"Botei no nosso bolão 3,9 milhões de diferença", comemorou por antecipação o governador de Alagoas, Moacyr Andrade, ao sair da sala que servia de central de informações para Collor na sede do jornal da sua família. No entra-e-sai, o candidato exibiu um rosto tenso e a mesma distância dos jornalistas que marcaram seus últimos dias da campanha. Apenas um símbolo demonstrava sua confiança pessoal na vitória: um legítimo charuto Havana pendurado no canto da boca. Esse é um prazer que Collor reserva para suas comemorações.



Collor embarca para Brasília: atenção à fiscalização